

Mapas de Danos: sua metodologia como orientação para as técnicas de conservação e restauração

LUIZA DA SILVA COUTO¹; CLARISSA MARTINS NEUTZLING²; KELI CRISTINA SCOLARI³; KAREN VELLEDA CALDAS⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – couto.iza@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clarissaling@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – keliscolari@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – caldaskaren@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar como os mapas de danos dos bens culturais móveis, elaborados a partir de metodologia de representação dos danos em bens imóveis, auxilia na elaboração do plano de conservação-restauração e no próprio processo de restauração, visto ser um documento de registro do estado de conservação de um determinado momento da obra, assim como de consulta durante a intervenção.

Em 8 de janeiro de 2023, em decorrência dos atos antidemocráticos ocorridos nas sedes dos Três Poderes em Brasília, diversos objetos de valor cultural foram depredados. Mobiliários, obras de arte, livros, equipamentos técnicos e as próprias edificações sofreram com os atos de vandalismo, como explica o site Brasil de Fato na reportagem “Atentado de 8 de janeiro já é fato histórico, mas ainda precisa ser enfrentado pelo país”. A matéria (LACERDA,2024) denuncia que [...] Em 8 de janeiro do ano passado [2023], milhares de pessoas foram até a Praça dos Três Poderes, invadiram as sedes do executivo, do legislativo e do judiciário e destruíram tudo o que viram pela frente”.

No fatídico dia, várias obras de arte do Palácio do Planalto foram vandalizadas, sofrendo diversos tipos de danos como, rasgos, fraturas, abrasões, perdas de suporte ou da camada pictórica, manchas, entre outros. Dentre esses bens culturais estão *Mulatas à Mesa* de Di Cavalcanti, *Vênus Apocalíptica Fragmentando-se*, de Marta Minujín, *O Flautista*, de Bruno Giorgi, *O Retrato de Duque de Caxias*, de Osvaldo Teixeira, *Bird*, de Martin Bradley, *Idria em Majólica Italiana*, sem autor identificado e *Galhos e Sombras*, de Frans Krajcberg. O conjunto depredado compreende várias tipologias e materialidades como esculturas em metal e em madeira, pinturas à óleo sobre tela, guache sobre papel, além de uma cerâmica.

Em 2023, através de um Termo de Execução Descentralizada (TED) firmado entre o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), criou-se, no curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, dentro do projeto Laboratório Aberto de Conservação e Restauração de Pinturas (LACORPI), a ação intitulada “Patrimônio Cultural dos Palácios Presidenciais: valorização e promoção da democracia a partir da conservação-restauração dos bens culturais vandalizados do Palácio do Planalto”.

A partir disso, a meta do projeto foi a elaboração de um plano de conservação-restauração dos bens culturais vandalizados. Nesse contexto, cada obra foi analisada e documentada fotograficamente. Essas imagens registraram danos e eventuais descaracterizações das obras e contribuíram para o

estabelecimento das técnicas de conservação e restauração mais adequadas para devolver a integridade de cada uma delas e colaborar com a manutenção das mesmas para as gerações futuras. A partir dessas fotografias foram organizados documentos que contemplam, além dos registros imagéticos, registros em linguagem escrita. Tratam-se dos nomeados Mapas de Danos, isto é:

[...] representações gráfico-fotográficas, sinóptica, onde são ilustradas e discriminadas, rigorosa e minuciosamente, todas as manifestações de deteriorações [...]. O mapa de danos é um documento gráfico-fotográfico que sintetiza o resultado de investigações sobre as alterações estruturais e funcionais nos materiais, nas técnicas, nos sistemas e nos componentes construtivos. (TINOCO, 2009; pág 04).

A definição de Tinoco (2009), embora estabelecida para os bens imóveis, contempla de modo paralelo os mapas de danos desenvolvidos para os bens móveis e integrados, motivo pelo qual é utilizado neste estudo como referência.

2. METODOLOGIA

Partindo da metodologia apresentada por Tinoco (2009), antes de realizar os mapas de danos foi necessário investigar os objetos, utilizando-se, para isso, do método indireto, ou seja, de ações de características não-destrutivas, baseadas em interpretações de dados que fundamentam hipóteses e conclusões (Tinoco, 2009, p.6). O autor menciona a necessidade de elaboração de esboços e desenhos a mão livre que permitam criar associações com os estudos na documentação (Tinoco, 2009, p.6). Apoiando-se nessa orientação, realizou-se a análise organoléptica em paralelo com a criação de desenhos à mão livre onde foram indicados os danos verificados.

Para o levantamento de informações sobre as obras, utilizou-se como referência as suas fichas cadastrais, tendo em vista que essas possuem a descrição do objeto, do estado de conservação e de eventuais intervenções anteriores. Através disso, compreendeu-se as materialidades, as técnicas construtivas, as iconografias e os níveis de descaracterização, sejam estes resultado do envelhecimento natural da obra ou de possíveis alterações físico-químicas resultantes do meio ambiente em que se encontravam antes dos atos de vandalismo, bem como os danos diretamente associados às ações de depredação ocorridas em 8 de janeiro de 2023.

Para as análises dos danos, “etapa de se entender os *porquês* e os *como* os danos surgiram e tornaram-se problemas” (Tinoco, 2009, p.10), foram utilizadas as imagens em vídeo dos atos de vandalismo no Palácio do Planalto, que mostravam o objeto cerâmico "Idria" sendo derrubado no chão, a tela "Mulatas à Mesa" sendo golpeada, as obras em metal "O Flautista" e "Vênus Apocalíptica Fragmentando-se" sendo derrubadas no chão, dentre outras sequências visuais dos atos de depredação.

Em seguida as obras foram fotografadas sob radiação visível em todas as suas faces para registrar imagens do seu estado de conservação. Realizaram-se também exames com diferentes radiações que foram igualmente fotografados, como: fluorescência induzida de radiação ultravioleta, luz infravermelha, luz rasante, luz transversa, além das macrofotografias sob radiação visível. Com essas imagens, iniciou-se o desenvolvimento dos mapas de danos. No *software* de desenho gráfico, ilustrou-se os objetos utilizando a técnica de *outlines* (contornos), localizando-se sobre esses desenhos as descaracterizações, destacando-as com hachuras de cores específicas para cada dano. Foram também representadas eventuais intervenções anteriores. Para destacar os

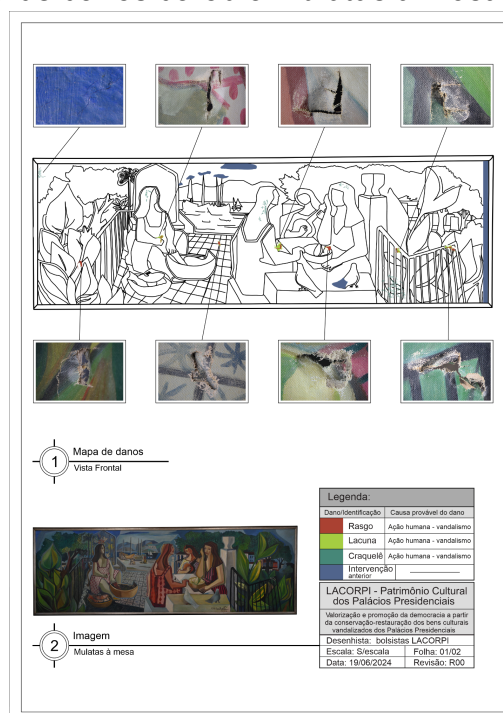
principais danos utilizou-se macrofotografias. Para estabelecer a relação entre as cores utilizadas para cada dano, foram criadas legendas indicando não somente a cor, mas também a possível causa do dano verificado. Como o mapa de danos é um documento, inseriu-se um selo com as seguintes informações: nome do projeto, nome da ação, desenhista, escala, data, número da folha e número da revisão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As investigações foram realizadas por meio de análises organolépticas, busca de informações contidas nas fichas cadastrais e de verificações dos danos *in loco*, ou seja, nos próprios objetos, e através de imagens das câmeras de segurança do Palácio do Planalto veiculadas pela imprensa. Observando os objetos entendeu-se como e onde se encontravam os danos e identificou-se aqueles de origem intrínseca, isto é, ocasionados por processos de degradação ocasionados pelo envelhecimento dos materiais ou pela própria técnica de produção da obra. Através das gravações dos atos de vandalismo, compreendeu-se como os danos relacionados a fatores extrínsecos foram produzidos.

As fotografias dos exames auxiliaram na identificação de repinturas ou possíveis restaurações anteriores invisíveis ao olho humano, além de possíveis esboços realizados pelo artista no momento de sua criação. Através dessas imagens fotográficas, também foi possível identificar relevos destacados pelo contraste entre luz e sombra, ampliar danos e características peculiares e registrar interrupções ou perdas de suporte ou na pintura. As fotografias dos exames foram essenciais para a montagem dos mapas de danos, pois com estas foi possível entender a proporção das peças, localizar o dano no desenho, ampliar a lesão, e ter o entendimento geral do objeto.

Figura 01 - Mapa de danos da obra *Mulatas à Mesa*, de Di Cavalcanti.



Fonte: Lacorpi, 2024.

Na figura 01, encontra-se o mapa de danos da obra *Mulatas à Mesa* de Di Cavalcanti. O mapa permite que sejam localizados os rasgos, resultado dos sete golpes sofridos pela obra na ação dos vândalos. Verificam-se, igualmente, as lacunas e os craquelês resultantes da depredação ou envelhecimento, além da sua provável causa. Outra identificação importante para a condução dos futuros processos de restauração é a indicação da região com intervenções anteriores, pois o planejamento das técnicas a serem utilizadas nesta obra deve ser adequado para a restauração dos rasgos, mas não pode resultar em distorções das características anteriores do bem cultural.

4. CONCLUSÕES

Esse trabalho demonstra como os mapas de danos são uma parte essencial para a documentação de obras de arte, pois sintetizam visualmente o estado de conservação dos bens culturais em dado momento. Os mapas de danos auxiliam os processos de restauração, na medida em que permitem que se o conservador-restaurador identifique com precisão a localização dos danos, bem como suas possíveis causas, pois o método de elaboração desses documentos se apoia no levantamento de informações sobre a materialidade das obras, sua trajetória, suas possíveis características físico-químicas, seu envelhecimento e sua relação com o ambiente em que está inserida. As obras de arte pertencentes ao Palácio do Planalto, vandalizadas no dia 8 de janeiro de 2023, são peças fundamentais para a história da arte do Brasil. Retomar sua integridade física, sem apagar sua história, é responsabilidade do conservador-restaurador que deve elaborar o mapeamento de danos a partir de uma metodologia capaz de atender ao seu propósito, qual seja, de ser um suporte para a elaboração do plano de restauração e de ser um instrumento auxiliar no desenvolvimento das ações de restauração.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, Nara. **Atentado de 8 de janeiro já é fato histórico, mas ainda precisa ser enfrentado pelo país**. BRASIL DE FATO, São Paulo (SP), 7 jan. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/07/atentado-de-8-de-janeiro-ja-e-fato-historico-mas-ainda-precisa-ser-enfrentado-pelo-pais>. Acesso em: 01 de set. 2024.

TINOCO, Jorge Eduardo Lucena. **Mapas de Danos: Recomendações Básicas**. Textos para discussão – série 2: Gestão de Restauro, Olinda: CECI, 2009.